



Editorial

A contingencia das enormíssimas distancias criou entre nós o habito dandy, de uma pose um pouco Anatole France (um pouco 1910), de duvidarmos mutuamente da existencia das nossas cidades. Podemos ir a Petrogado e voltar em menos tempo do que um habitante de Porto Alegre terá de gastar para ir a Manaus. (Sem fallar em que a viagem à Rússia é mais commoda). Por isso o brasileiro da rua do Ouvidor (principalmente o brasileiro da rua do Ouvidor), diante do mal irremediavel, criou esta defensiva para a sua indiferença: Manaus não existe, Cuyabá não existe, Goyaz não existe, etc.

Ribeiro Couto,
“A descoberta de Cataguazes”

A epígrafe traz um texto ácido, escrito para o número 5 de *Verde*, revista mensal de arte e cultura, produzida por jovens desassossegados da pequena cidade de Cataguazes, Minas Gerais, no final dos anos 1920, inserida no contexto modernista, que era de discussões acaloradas acerca da chamada identidade nacional de um Brasil que se autocentrava em sua capital, marcado por valores baseados em imaginários estrangeiros. O debate colocava em relevo o fato de que, ao olhar para si, o país não era capaz de enxergar as muitas diferenças presentes em seu próprio espaço, o que aponta para questões que permanecem importantes, tais como as do apagamento e silenciamento que trajetórias, sujeitos e atividades podem so-

frer caso não façam parte de uma narrativa que a historiografia consagrou como central.

Nessa perspectiva, o dossiê temático desta edição da revista *Significação*, “Novas cartografias do cinema e da produção audiovisual”, organizado por Irene Machado, Daniela Giovana Siqueira, Izabel de Fátima Cruz Melo e Sávio Stoco, propõe-se a compreender como as pesquisas têm atualmente enfrentado o desafio de tratar os temas e recortes regionais sem recair em um ensimesmamento de avaliação “localista”. Os sete artigos aqui reunidos apresentam trabalhos que articulam problemáticas e ritmos próprios dos espaços e desenham com isso uma cartografia baseada em uma descentralização de olhares sobre o tempo, o espaço e a memória, apresentando novos sujeitos cinematográficos.

A diversidade de lugares trabalhados pelas análises – Guiné-Bissau, Inglaterra (vista pela perspectiva da diáspora africana), Portugal, Israel, Colômbia, Contagem (MG) e Goiás antes de se perder em um emaranhado, ganha possibilidade metodológica quando pensada sob a perspectiva de Lúcia Nagib (2006), que propõe uma definição positiva para o que chama de cinema mundial ou cinema do mundo. A autora questiona os centros prefixados historicamente e os binarismos redutores, propondo uma perspectiva democrática que se dispõe a perceber que o outro, na verdade, somos nós. Nessa perspectiva, para Doreen Massey (2008), o modo como imaginamos o espaço tem efeitos sociais e políticos. A geógrafa inglesa nos convida a ampliar o entendimento sobre os pressupostos tradicionalmente apresentados em relação ao âmbito espacial: “O que poderia significar reorientar essa imaginação, questionar esse hábito de pensar o espaço como uma superfície? Se, em vez disso, concebêssemos um encontro de histórias, o que aconteceria às nossas imaginações implícitas de tempo e espaço?” (MASSEY, 2008, p. 23).

Por sua vez, Giuliana Bruno aponta que “as cidades são, por excelência, espaços que não apenas evocam as memórias, mas as constroem e as contêm. O mesmo ocorre em relação à memória virtual que construímos através das telas, historicamente a cinematográfica, hoje também a da televisão, do computador e do celular” (BROGGI, 2005, p.23-24, tradução nossa). A linguagem fílmica permite reenquadrar as cidades, possibilitando a criação de novos sentidos visuais para o espectador, que passa, como afirma

////////////////////
Cecília Mello, “a viajar através de múltiplos espaços e tempos” (MELLO, 2011, p. 146).

Ressaltamos que este dossiê de *Significação* não se pretende exaustivo na abordagem das múltiplas perspectivas que atualmente se abrem para pensar novos espaços e sujeitos representados pela imagem em movimento, tarefa que se tornaria impossível, dado o atual volume de captação de imagens digitais e a velocidade com a qual circulam em nossa sociedade. Também na esteira desse movimento tecnológico, percebe-se uma constante abertura do campo das pesquisas sobre o audiovisual, com trabalhos que buscam construir uma historiografia que desconfia dos binarismos, tais como Hollywood vs. o resto do mundo, países ricos vs. países pobres etc. Assim, os textos aqui reunidos se debruçam sobre as relações históricas de territórios como Guiné-Bissau ou sobre o cotidiano de jovens periféricos da cidade de Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte, apresentando ao leitor múltiplas maneiras como homens e mulheres se colocam presentes no mundo.

A capa desta edição compõe-se de elementos que não se configuram de maneira gratuita. O verde da fotografia está acompanhado do vermelho-alaranjado, convidando o olhar a um estranhamento gerado pela aproximação de duas cores que não possuem em si a presença de nenhum elemento cromático em comum. Cor análoga ao vermelho, o vermelho-alaranjado rouba o extremismo da cor primária, mas continua a estabelecer com o verde a relação de oposição e, portanto, de complementaridade. Essa mesma premissa, oposição/complementaridade está presente na imagem dos dois homens cuja análise é realizada no primeiro artigo do dossiê.

No texto “Entre muitos entre dois: a imagem coabitada”, César Guimarães analisa o filme *Uma vez entrei em um jardim* (2012), de Avi Mograbi, para testar o alcance heurístico da noção de *imagem coabitada*. No filme, o diretor, um israelense, se abre para conversar com seu professor, um árabe, fazendo desdobrar na tela a partilha de um espaço cravado pela coexistência de distintas trajetórias políticas e religiosas. A partir de sua análise, o autor busca perceber como a *cena sensível da política* (RANCIÈRE, 2005) ganha forma na cena fílmica documentária. O artigo se pergunta pela existência de um comum, fundado pela cena cinematográfica, para perceber a afecção que se instala entre a câmera, os sujeitos e os espaços captados.



Por sua vez, Rodrigo Sombra investiga o lugar da diáspora africana na obra do realizador britânico John Akomfrah, que na sua trajetória problematiza os usos e desvantagens da história para o sujeito diaspórico. Nesse segundo artigo do dossiê, “O cinema de John Akomfrah e as latências de porvir da memória diaspórica”, Sombra explora o caso do filme *The nine muses* (2010), que aborda a experiência de membros das antigas colônias britânicas emigrados à Grã-Bretanha do pós-guerra. Para isso, analisa os deslocamentos e reapropriações das imagens de arquivo, ativadas a partir de procedimentos próximos do cinema experimental e também da análise benjaminiana da história e imagem, fazendo emergir uma contra-memória da diáspora africana que confronta não só a narrativa oficial inglesa, mas também europeia, sobre as relações com o continente africano e suas consequências.

Já Érico Lima, no artigo “Quando o cinema se faz vizinho”, se debruça sobre o filme *A vizinhança do tigre* (2014), indagando sobre as possibilidades do cinema se constituir como um gesto de avizinhamento que proporcionaria uma aproximação em relação aos sujeitos filmados. A sua análise observa também as tensões existentes entre estética e política a partir de autores como César Guimarães (que abre nosso dossiê), Giorgio Agamben e Jacques Rancière. Por essa visada, é possível refletir como o documentário contemporâneo tem lidado com essas questões ao tratar das problemáticas urbanas e periféricas, se distanciando dos grandes quadros explicativos, que terminam por achatam as individualidades e as experiências dos personagens, e refletindo sobre o movimento simultâneo do gesto que faz da escritura da vizinhança uma recriação do mundo através da experiência compartilhada.

Em “*Mortu nega* (1988): cinema e história na luta de independência e o pós-colonial ‘daqueles a quem a morte foi negada’”, Jusciele de Oliveira observa as relações entre história e cinema a partir da obra de Flora Gomes. Para ela, a obra do cineasta bissau-guineense é capaz de indicar novos caminhos interpretativos para a história dos países africanos, especialmente do período da descolonização, permitindo, como no caso do filme *Mortu nega*, que o olhar e a interpretação africanos se contraponham à narrativa colonialista portuguesa, instaurando – assim como no caso de Akomfrah – um deslocamento interpretativo que reforça a importância política das



narrativas audiovisuais para a visibilidade de temáticas e sujeitos não hegemônicos.

No artigo “Ficção e rastros documentais: cotidiano, espaço e território no cinema de Miguel Gomes”, Daniela Zanetti e Natália Ramos analisam a obra do cineasta português, em especial o filme *As mil e uma noites* (2015). As autoras reconhecem o trabalho de Gomes no tocante aos conceitos de cotidiano e territorialidade, já que o cineasta encontra na fábula uma maneira de retratar a população portuguesa durante um período de austeridade econômica, especialmente entre os anos de 2013 e 2014. Segundo as autoras, entre outros procedimentos, ele registra e ressignifica eventos com os quais se deparou nas ruas de Portugal, reconstituindo histórias reais e criando ficções.

“Cineclubismos: uma história do Cineclubes Antônio das Mortes” é um estudo histórico de Marina Campos acerca do emblemático cineclubes de Goiânia nas décadas de 1970 e 1980. No CAM (sigla pela qual o espaço era conhecido), os integrantes da associação, em contato com preceitos do cinema moderno, desenvolveram sua própria trajetória, enriquecendo não só a experiência cineclubística e crítica brasileira, mas também fílmica, já que alguns deles foram realizadores. O artigo marca o esforço da autora em entender a atividade do Cineclubes não apenas em seu contexto local, mas também no diálogo diverso com seu entorno, tanto regional como nacional.

Fechamos esse dossiê com o artigo “Televisión y movimientos sociales: el papel de Contravía TV en la visibilidad de las comunidades indígenas en Colombia”, um estudo de Gober Mauricio Gómez sobre a Contravía TV, um projeto colombiano que, como o nome já bem explicita, pretende diferenciar-se de outros canais ao conferir visibilidade aos movimentos sociais indígenas. Segundo o autor, a iniciativa funciona à margem da lógica de produção de emisoras convencionais, pautadas pela audiência e estratégias de marketing. Na análise de um programa jornalístico, observam-se as estratégias de comunicação da reportagem pautadas por um processo de mestiçagem. Combina-se a estética tradicional da televisão (fragmentação e fluxo) com o relato denso de indígenas da etnia Nasa, respeitando seus ritmos próprios.

O dossiê não se propõe a dar a última palavra sobre o modo como se tecem atualmente as pesquisas que se afinam com



a perspectiva de centralidades múltiplas no campo do audiovisual, mas apresenta um quadro significativo de análises que extraem leituras sobre a sociedade a partir de parâmetros não hegemônicos, articulados a outras visadas teóricas.

Além dos textos que compõem o dossiê “Novas cartografias do cinema e da produção audiovisual”, esta edição publica outros sete textos em sua seção de artigos e uma resenha.

Andrea Cuarterolo, em “Entre caras y caretas: caricatura y fotografía en los inicios de la prensa ilustrada argentina”, investiga como a fotografia se fez presente na cultura visual para a criação de caricaturas produzidas no âmbito de revistas ilustradas argentinas, em especial na emblemática revista *Caras y caretas*. A autora inicia com uma elucidativa introdução sobre as artes gráficas e o desenvolvimento da técnica e linguagem fotográfica no final do século XIX, até avançar para a virada do século, momento em que imagens fotográficas começam a ser publicadas em revistas ilustradas. Ao focar a revista, a autora destaca as diversas formas de interação entre fotografia e caricatura, mostrando o processo de elaboração desse entretenimento visual.

Com “Metalinguagem no cinema silencioso (1896-1914): a sedução do aparato cinematográfico, os paradoxos da imagem fílmica, a imersão diegética” de Danielle Carvalho, continuamos na seara das pesquisas que se estruturam a partir de uma abordagem interdisciplinar. A autora trata de um repertório fílmico do período silencioso, de 1896 até 1914, que apresenta como elemento a metalinguagem, considerando o contexto da produção teatral popular, da literatura e das imagens estereoscópicas. Ao analisar diversos filmes produzidos na Europa e nas Américas, o texto pretende reconhecer os níveis da ficção e da negativa à ficção nas obras.

Cecília Mariño, em seu “De la selva al *sugar love*. Imágenes de Hollywood sobre Brasil: usos locales y relaciones entre cine, diplomacia cultural y turismo en los años treinta”, examina a diplomacia cultural estabelecida pelo cinema e a música dos Estados Unidos com os países latino americanos, sobretudo o Brasil, a partir da década de 1930. As representações criadas permeiam a percepção dos locais retratados, em especial do Rio de Janeiro, dialogando com o ideal cultural cosmopolita da elite que buscava forjar uma versão moderna e urbana da nação. Nesse contexto, as estratégias do cinema de ficção contaram

com a seleção de locações e monumentos, com a ideia de pastiche musical para a representação estereotipada da nação e com a inclusão de estrelas ibero-americanas nos filmes.

No quarto artigo, “O tempo da costura: afetos, subversão e intimidade em *Call the midwife*”, Karina Gomes Barbosa analisa, à luz de reflexões sociológicas, o seriado britânico *Call the midwife* (2012), produzido pela BBC com múltiplas diretoras, a fim de observar elementos recorrentes identificados na narrativa, tais como o lar, a reunião, a intimidade, a família, a maternidade etc. A série, que se passa na periferia londrina no final da década de 1950, confere às personagens e seus afazeres prosaicos um grande destaque e sentidos incomuns. Como exemplo, a autora cita o caso do ato de costurar, que não representaria nenhuma necessidade de serviço doméstico, surgindo como desejo, ato de liberdade e compartilhamento.

Em “A estética da ‘fotografia animada’ na criação contemporânea: desarquivamento, colocação em movimento, escrutínio analítico, montagem, escuta e projeção de imagens de arquivo”, Lúcia Monteiro analisa o procedimento de “animação” de fotografias que registram um passado doloroso e violento em documentários contemporâneos como *48* (2010), de Susana Sousa Dias, e *Retratos de identificação* (2014), de Anita Leandro, além da instalação artística *A man called love* (2007), da dupla Tamar Guimarães e Kasper Ankhøj. Como a autora explicita, o objetivo é reconhecer as diferentes maneiras como as obras incluem a imagem não originalmente captada pela câmera cinematográfica. Além de expressar memórias, o procedimento convida o espectador a pensar sobre a materialidade dos suportes (fotográfico e filmico).

No sexto artigo, intitulado “Nova Teoria da Comunicação e Peirce: um diálogo possível”, Francisco Pimenta apresenta a hipótese da existência de aproximações entre a Nova Teoria da Comunicação, proposta pelo pesquisador Ciro Marcondes Filho, e a teoria peirceana. Em 2012, Marcondes criticou o que chamou de “equivocos” da obra de Charles S. Peirce, propondo a interrupção dos estudos dedicados ao pragmaticismo. A conclusão de Pimenta é a de que a supressão da tendência com pressupostos diferentes é prematura e necessita antes de um trabalho conjunto de esclarecimentos dos temas tratados.

Em “Dimensões da relação estética na obra fotográfica de Cao Guimarães”, artigo que encerra este número, Benjamim Pica-

do e Consuelo Lins analisam quatro séries fotográficas recentes do artista mineiro Cao Guimarães, considerando os padrões de interação sensível promovidos por sua obra. Os conjuntos fotográficos são *Paisagens reais – homenagem a Guignard* (2009), *Úmido* (2015), *Plano de voo* (2015) e *Steps* (2015). Os autores valorizaram aspectos que conectam cada série com a experiência estética suscitada pelas fotografias do artista.

A resenha de Tainah Negreiros sobre o livro *O cinema latino-americano de Chris Marker*, de Carolina Amaral de Aguiar, coloca o leitor em contato com o contexto nacional de pesquisas sobre o cineasta francês, marcado por uma ampla mostra dedicada a ele em 2009 no Brasil. Em seguida, examina o livro, dedicado ao trabalho de Marker em diálogo com contextos e pessoas da América Latina nas décadas de 1960 e 1970, quando realizou trabalhos sobre Cuba, Chile, Brasil. Segundo a autora, o livro triunfa ao esmiuçar as relações transcontinentais desenvolvidas por meio do cinema.

Boa leitura!

Daniela Giovana Siqueira
Eduardo Victorio Morettin
Izabel de Fátima Cruz Melo
Sávio Luís Stoco

Referências

- BROGGI, L. “Atlas of emotion: entrevista a Giuliana Bruno”. *Aria*, n. 1, p. 14-29, 2005.
- BRUNO, G. *Atlas of emotion: journeys in art, architecture and film*. Nova York: Verso, 2007.
- MASSEY, D. *Pelo espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MELLO, C. “An-danças Urbanas em Xiao Wu e Na cidade de Sylvia”. *ECO-Pós*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, out. 2011. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/viewFile/916/856>. Acesso em: 4 jun. 2017.
- NAGIB, L. “Toward a positive definition of world cinema”. In: DENNISON, S.; LIM, S. HweeH. (Eds.). *Remapping world cinema: identity, culture and politics in film*. London; New York: Wallflower Press, 2006.
- RANCIÈRE, J. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: EXO Experimental org.; Ed. 34, 2005.